

Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad.
N°33. Año 12. Agosto 2020-Octubre 2020. Argentina. ISSN 1852-8759. pp. 12-24.

“Estar bonito para ser aceito”: As influências e as motivações de adolescentes sobre o cuidado do corpo na contemporaneidade

“Being beautiful to be accepted”: The influences and motivations of adolescents on the care of the body in the contemporary world

Silvana Maria Bitencourt *

Universidade Federal do Mato Grosso, Brasil

silvana_bitencourt@yahoo.com.br

Resumen

O artigo analisa as demandas subjetivas que os adolescentes de uma escola pública apresentam em relação aos assuntos vinculados ao corpo, considerando as motivações e influências que vivenciam na adolescência. A investigação se dá em torno dos discursos que permeiam a construção dos corpos (presentes na escola), a partir dos cuidados neles empregados. A metodologia utilizada consistiu em trabalho de campo em cinco turmas de ensino médio em uma escola da rede pública de Cuiabá-MT e 20 entrevistas em caráter de profundidade com estudantes, na faixa etária de 14 a 16 anos. As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado com os seguintes assuntos: como estes lidavam com o corpo; os tipos de corpos que tinham como referência; os produtos e as marcas que usavam; como reconheciam o cuidado dos meninos e das meninas e o envelhecimento do corpo. Constatou-se que apesar de todos os esforços em termos teóricos, metodológicos e políticos dos estudos de gênero e sexualidade na educação, a escola ainda apresenta-se como uma estrutura regrada, normatizada por uma matriz heteronormativa, neutralizando o debate sobre a importância desta demanda vinculada ao estudo do corpo nas ciências humanas e sociais.

Palavras-chave: Corpo; Cuidado; Adolescente; Sexualidade; Gênero.

Abstract

The article analyzes the subjective demands that the adolescents of a public school present in relation to the subjects related to the body, considering the motivations and influences that they experience in adolescence. The investigation takes place around the discourses that pervade the construction of the bodies (present in the school), from the care in them employed. The methodology used consisted of fieldwork in five high school classes at a public school in Cuiabá-MT and 20 in-depth interviews with students aged 14 to 16 years. The interviews followed a semi-structured script with the following subjects: how they dealt with the body; the types of bodies they had as a reference; the products and brands they used; how boys and girls thought about body care and aging issues. It was observed that despite all efforts in theoretical, methodological and political terms of studies of gender and sexuality in education, the school still presents itself as a structure ruled, normalized by a heteronormative matrix, neutralizing the debate on the importance of this demand linked to the study of the body in the human and social sciences.

Keywords: Body; Care; Adolescent; Sexuality; Gender

* Professora Associada do Departamento de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal do Mato Grosso (Campus Cuiabá) e do Programa de Pós Graduação em Sociologia da UFMT, com estágio de pós- doutorado em Ciências Sociais pela Universidad de Buenos Aires (2019), Tem doutorado em Sociologia Política (2011) pela Universidade Federal de Santa Catarina e mestrado em Sociologia Política (2006) pela mesma instituição, realizou estágio doutoral no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (2010). É líder do grupo de pesquisa (CNPq) Saúde do Corpo, Gênero e Gerações (2014) juntamente com Cristiane Andrade Batista (Fiocruz - RJ), é membra da Red Internacional de Sociología de las Sensibilidades (RedISS).

“Estar bonito para ser aceito”: As influências e as motivações de adolescentes sobre o cuidado do corpo na contemporaneidade

Introdução

Este trabalho tem como objetivo verificar as demandas subjetivas que os adolescentes apresentam em suas enunciações em relação a assuntos vinculados ao corpo, considerando as motivações e influências que vivenciam na adolescência.

Partindo deste ponto de vista, o corpo deve ser analisado como uma construção histórica e social. Seus significados não são fixos e imutáveis, estão abertos a diversas possibilidades de transformações (Butler, 2008). Expressam escolhas que refletem decisões individuais e coletivas. Para além dos seus gostos, os indivíduos compartilham condicionamentos direcionados a maneiras de “estarem” com seus corpos dentro de uma cultura (Goellner, 2007; Mauss, 2003).

Nesse sentido, a produção e a reprodução de corpos refletem noções de verdades socialmente impostas por discursos. Os indivíduos seguem determinados padrões corporais. No caso da cultura ocidental, verificamos ênfase em uma ordem binária e heteronormativa.¹

Analisando os cuidados destinados ao corpo na contemporaneidade percebemos os efeitos de discursos que contribuem para reforçar a existência de corporeidades normais e desviantes (Foucault, 1988).

A construção destes modelos de corpos envolve cuidados, na forma de investimentos materiais e emocionais. São cuidados socialmente adequados.

Em oposição, há tipos de corpos que não se aproximam das referências socialmente valorizadas, são os corpos rotulados como velhos (Goldenberg, 2009; Elias, 2001), obesos (Freitas, 2002) ou de “sexualidade periférica” (Foucault, 1988). Estes corpos podem ser estigmatizados, vistos como uma fraqueza individual. Seus donos são indivíduos que não conseguem investir seus esforços para essa

1 A heteronormatividade é a obsessão com a sexualidade normalizante, logo a homossexualidade é caracterizada como uma sexualidade desviante (Britzman, 1996).

construção corporal socialmente valorizada.

É inegável que há um mercado, uma indústria da beleza, que oferece diversos métodos e produtos para se atingir o ideal de corpo. A chamada “ditadura da beleza”² tem invadido diversos meios sociais, inclusive a escola. Na escola transitam diversos corpos. Corpos que expressam, não apenas os desejos adolescentes de chegarem ao “corpo ideal”, mas corpos que resistem e transgridem. Buscam na crítica, na desconstrução, indicar os perigos dessa idealização para as diversas identidades que participam do universo escolar.

Em relação ao cuidado do corpo, os discursos podem delimitar territórios a partir de distintivos socioculturais como gênero, classe, geração, etnia, religião entre outros (Mauss, 2003). A produção discursiva pode marcar as emoções de forma positiva quando propõe uma análise relacionando às realidades de cada contexto, mas também negativa, quando dificulta reflexões sobre o controle, a disciplina incorporada para conviver em sociedade (Foucault, 1985).

Partindo desta perspectiva, o cuidado do corpo sempre esteve presente nas sociedades humanas. Comer, tomar banho, dormir, são práticas de cuidado do corpo. A identificação de determinados hábitos e práticas dentro de uma determinada cultura pode contribuir para analisarmos os diversos discursos que tendem a influenciar os indivíduos em suas escolhas para cuidar de seus corpos.

Historicamente a medicina apresenta-se como um saber útil para os indivíduos lidarem com seus corpos. Muitas ações de cuidado são influenciadas pelo discurso dos especialistas em saúde. Tais detentores de saber exercem - na modernidade - poder sobre as formas de cuidados que os indivíduos precisam adotar para ter uma boa

2 A “ditadura da beleza” está ligada a ideia que há meios para se chegar a este tipo ideal de corpo, sendo a construção uma escolha individual. Indivíduos que não se cuidam são responsabilizados e vistos como fracos, descuidados, sem iniciativa, “relaxados” com a forma física que se apresentam na escola (Moreno, 2008).

saúde (Foucault, 1985). Contudo, o cuidado do corpo nas sociedades contemporâneas têm apresentado influências significativas de outras instituições sociais. A influência da mídia, especialmente dos programas televisivos para adolescentes, e da *internet* colaboram para corar e difundir alguns padrões a serem seguidos. Estas “recomendações” tendem a contribuir para orientar os indivíduos na construção de corpos que são socialmente aceitos (Goellner, 2007). O corpo como um “capital” tem sido um valor das camadas médias e é refletido também nas escolhas das camadas populares (Goldenberg, 2011; Boltanski, 1989).

O corpo deve ser entendido como uma extensão da sociedade. Nesse sentido, pensar o corpo na escola sob a percepção dos adolescentes torna-se significativo, pois estas vozes estão em processo de construção identitária.

Adolescentes fazem escolhas que marcam os seus processos subjetivos. Alguns buscam atender aos padrões socialmente recomendados sem críticas e reflexão. “Outros” menos dispostos a seguir regras, buscam resistir à violência simbólica³ aplicada em seus corpos. E assumem os riscos por essa resistência.

Quando falamos em “outros”, nos referimos especialmente aos corpos que não se enquadram em um padrão de masculino e feminino. Falamos de um padrão socialmente desejável dentro de uma determinada cultura.

A escola contemporânea tem apresentando relações que envolvem diversas manifestações socioculturais que vão além da relação ensino-aprendizagem. Em suas agendas há temas como violências, drogas, comunidade, sexualidades, gênero e diversidade racial. Estes temas precisam ser trabalhados como conteúdos curriculares, nas práticas escolares, mas para isso precisam ser reconhecidos na escola. Eles estão presentes nas relações sociais ali constituídas.

Ao indagarmos os alunos sobre conteúdos além do currículo que gostariam de trabalhar na escola, alguns estudos assim como: Louro (1997); Louro, Weeks, Britzman, Hooks, Parker y Butler (2000); Oliveira (2010); Garritano (2008; 2009); Goellner (2007) entre outros, mostraram que assuntos vinculados ao corpo do adolescente, seus cuidados e

3 Na visão bourdieusiana trata-se de uma forma de violência exercida no corpo sem coação física, que causa danos morais e psicológicos, baseando-se no reconhecimento de uma imposição determinada na forma econômica, social ou simbólica. A violência simbólica se funda na fabricação contínua de crenças no processo de socialização, que induzem o indivíduo a se posicionar no espaço social seguindo critérios e padrões do discurso dominante. A violência simbólica é manifestação do reconhecimento da legitimidade do discurso dominante. Para mais informações ver: Bourdieu (1989:2016).

investimentos seriam interessantes.

É facilmente perceptível que a escola tem apresentado diversidade em seu corpo discente. Diferentes corpos transitam cotidianamente no ambiente escolar. Há diversidade cultural, social e sexual. Há corpos magros, gordos, sarados, deficientes, definidos, exóticos e de sexualidade desviante. Muito mais complexo que as identidades historicamente representadas por um corpo discente único, uniformizado e dócil (Foucault, 1988).

Posto isso, iniciamos uma investigação sobre como o corpo está sendo construído no ambiente escolar. Vê-se também na escola uma variedade de formas de cuidados, que vão desde a prática de exercícios físicos até a escolha por dietas alimentares. Há ainda mudanças corporais visíveis como o uso de tatuagens, tinturas de cabelo, *piercings*, opções de vestuários que subvertem o padrão de gênero representado culturalmente como masculino e feminino (Figueira y Goellner, 2005).

A adolescência, na cultura ocidental, é vista como uma fase que os indivíduos passam por transformações de ordem subjetiva. É um tempo de transição, de mudança, refletida no comportamento individual. Exige do indivíduo um intenso trabalho de reelaboração psíquica da passagem da infância para a vida adulta (Garritano y Sadala, 2009). Por isso, nota-se a existência de diversos estudos em Psicologia,⁴ sobre esta fase da vida que exige, além de compreensão de ordem individual, uma compreensão também coletiva. Adultos precisam estar atentos às mudanças que filhos e alunos manifestam por meio de seus corpos nestas instituições.

Neste trabalho focaremos na participação dos adolescentes estudantes de uma escola. Compreendemos a escola como um espaço cotidiano de significativas manifestações socioculturais. Nossa investigação se dá em torno dos discursos que permeiam a construção dos corpos (presentes na escola), a partir dos cuidados neles empregados. O que os adolescentes falam sobre o corpo e seus cuidados? Neste texto abordaremos suas demandas subjetivas.

Em relação à metodologia, o trabalho de campo foi realizado em cinco turmas de ensino médio em uma escola da rede pública de Cuiabá-MT. Utilizamos entrevistas em caráter de profundidade com 20 estudantes, na faixa etária de 14 a 16 anos, no período de novembro a dezembro de 2015. As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado com os seguintes assuntos: - como estes lidavam com o corpo, ou seja, a forma que cuidavam de

4 Para trabalhos mais focados em uma perspectiva psicológica ver: Garritano y Sadala (2009); Avila (2005).

seus corpos; - os tipos de corpos que tinham como referência; - os produtos e as marcas que usavam; - como reconheciam o cuidado dos meninos e das meninas e - o envelhecimento do corpo.

A escola pública pesquisada representa um espaço onde ocorrem diversas manifestações socioculturais, repletas de afirmações identitárias. Nicole Pfaff (2010) defende a etnografia - um método de coleta de dados que emerge especialmente entre pesquisadores da educação e das Ciências Sociais desde a década de 70 - como método adequado para este fim. Ela diz que: “a pesquisa etnográfica escolar está mais voltada para análise de aspectos culturais dos *peers groups*, das relações sociais na escola e de questões respectivas à organização escolar do que às práticas fundamentais da escola como o ensino e a aprendizagem” (Pfaff, 2010: 266).

A estrutura da escola pesquisada era constituída por 18 salas de aula, todas degradadas. Na cantina vendiam-se salgados, refrigerantes e doces. Havia um refeitório onde duas cozinheiras faziam merenda para mais ou menos 900 alunos e alunas. A biblioteca estava pouco organizada, a escola contava com um diretor e quatro coordenadores. O diretor que tinha uma sala própria, onde demais trabalhavam na mesma sala.

Neste contexto escolar, a construção do corpo aparece nas falas dos adolescentes como um entre diversos assuntos compartilhados entre eles. Partindo desta perspectiva, para fins metodológicos, o presente texto foi dividido em quatro tópicos que caracterizam as demandas subjetivas enunciadas por 20 adolescentes de uma escola de Cuiabá. São eles: 1) a boa forma é tudo 2) a prática de exercícios físicos; 3) a homoafetividade e o cotidiano escolar e 4) O envelhecimento do corpo na visão do adolescente.

1) A boa forma é tudo

Não bastassem fenômenos fisiológicos que causam bastante desconforto nos adolescentes como ganho de peso e o aparecimento de muitas espinhas no rosto, eles também dizem que precisam estarem “atentos” com a aparência. Investir no *look*⁵ a fim de construir uma aparência para corresponder ao corpo “normal”, ou seja, o socialmente aceito. Para a grande maioria, o *look* reflete a escolha, a preferência por determinadas marcas, produtos cosméticos, dietas alimentares, tipos de exercícios. Este *look* molda as suas identidades tanto individuais como coletivas. A análise desse *look* nos mostra evidências a respeito de uma geração⁶ de adolescentes de classes populares

5 Investir no *look* na fala desses adolescentes significa investir na aparência.

6 Compartilho com o conceito de gerações de Karl Mannheim (1952) que, ao problematizar a questão das gerações, desvincula

de uma escola pública cuiabana.

Diante desta construção do *look* para se apresentarem socialmente, portanto para serem aceitos, a grande maioria dos adolescentes mostrou a necessidade de conhecer algumas técnicas⁷ corporais para se cuidar. Assim, afirmam uma construção de gênero dicotômica e hierárquica. As meninas falam da necessidade de serem magras, delicadas e passivas. Os meninos buscam um corpo forte, musculoso, afirmando assim o ideal hegemônico de masculinidade (Connel, 1995). De acordo com Mauss, “O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é o seu corpo” (Mauss, 2003: 407). Nesse sentido, as técnicas corporais não necessariamente são realizadas com o uso de um instrumento, pois o simples movimento que se faz para caminhar, sentar, olhar, se expressar socialmente refletem traços característicos de uma cultura. Mauss, a fim de traçar uma biografia do corpo por meio das fases da vida desde das técnicas do parto, salienta que a fase da adolescência é o momento chave para o aprendizado das técnicas. Conforme o autor, “[] tanto para homens como para as mulheres, o momento decisivo é o da adolescência. É nesse momento que eles aprendem definitivamente as técnicas do corpo que conservarão durante toda sua vida adulta” (Mauss, 2003:414).

Partindo desta constatação de Marcel Mauss, entendemos a adolescência como uma fase em que o indivíduo tende a escolher diversas formas de lidar com o corpo, que refletirão mais tarde na sua visão de mundo.⁸

As mudanças que ocorrem nesta fase não são apenas de ordem biológica e física caracterizadas

aquele conceito de geração que diz que os indivíduos estão necessariamente ligados ao momento histórico e à questão etária, como diz o próprio autor “Uma mera contemporaneidade cronológica não pode, por si própria, produzir uma situação comum” (1952:286). Deve ser levada sempre em consideração a situação histórica e social. Dessa forma, uma unidade de geração é baseada “em última análise no ritmo de nascimento e morte”, uma unidade de geração é formada quando os indivíduos tornam-se capazes de ver o mundo a partir de um mesmo aspecto, de viver experiências e impulsos tanto intelectuais como psicológicos em concordância com as características dos grupos.

7 Estou entendendo técnica corporal a partir da definição de Marcel Mauss, segundo este autor a técnica corporal corresponde “as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo” (Mauss, 2003:401).

8 Contudo, se considerarmos que na contemporaneidade o corpo deve ser compreendido como uma construção, portanto está aberto a diversas possibilidades de transformações (BUTLER, 2003), esta afirmação de Mauss deve ser ponderada, até por que mostra um conteúdo bastante determinista.

como o período da puberdade.⁹ A adolescência vai além das alterações no corpo físico, ela caracteriza-se por alterações também na parte social e mental. Nesta fase o indivíduo assumirá novas responsabilidades, portanto incorporará um novo papel social. Assim sendo, surge a necessidade de afirmar uma identidade, que pode atender aos padrões socialmente recomendados, se nos reportamos aos modelos de feminilidades e masculinidades socialmente determinados que se estabelecem a partir de uma base heteronormativa. Mas, também pode refletir identidades elaboradas a partir da resistência ao padrão dicotômico e binário do que venha a ser o masculino e o feminino pautado na cultura ocidental que fixou o discurso sobre a diferença entre os sexos, ora à luz de um determinismo biológico, que diferenciou homens e mulheres a partir do corpo, ora a um determinismo cultural pautado na divisão dos papéis sociais a partir dos sexos (Tabak, 2002).

Deste modo, as identidades de gênero vistas socialmente como transgressoras, periféricas, ou seja, subversivas no espaço da escola, têm exigido diálogos entre pais, alunos e profissionais da educação. É sabido que a sexualidade faz parte da construção identitária de cada um, portanto estes corpos vistos como excêntricos expressam diversas possibilidades de constituição. Segundo Louro,

O grande desafio talvez seja admitir que todas as posições podem se mover, que nenhuma é natural ou estável e que mesmo as fronteiras entre elas estão se desvanecendo. A não-nitidez e a ambiguidade das identidades culturais podem mesmo ser, as vezes, a posição desejada e assumida - tal como fazem por exemplo, muitos jovens homens e mulheres ao inscrever em seus corpos, propositalmente, signos que embaralham possíveis definições de masculinidade e feminilidade (Louro, 2007: 47).

Os adolescentes tendem a compartilhar informações sobre o cuidado do corpo. Estão sempre questionando e falando sobre as mudanças corporais vivenciadas. Nesse sentido, a escola aparece como um espaço de reflexão sobre esta nova fase da vida

⁹ A puberdade deve ser entendida como um momento que o corpo desenvolve-se física e mentalmente tornando-se maduro e o adolescente fica capacitado para gerar filhos. Ela não deve ser confundida como sinônimo da adolescência, visto que a puberdade faz parte da adolescência. Nesta fase, são observadas mudanças tais como: crescimento de pelos, crescimento dos testículos e aparecimento dos seios, aumento do quadril nas meninas e tórax nos rapazes. Para mais informações ver: Eisenstein (2005).

e como tem sido configurado o universo simbólico compartilhado por eles, ou seja, quais as instituições que atuam nesta construção.

É importante ressaltar que este compartilhamento é o resultado de diversas informações. Alguns saberes tendem a influenciar mais que outros. Ao analisar a construção da identidade de gênero focada na dicotomia e na heterossexualidade compulsória, percebemos que muitas identidades vivenciarão a exclusão social e a estigma dentro da escola. Esta exclusão pode ocorrer de forma sutil, mas pode vir a determinar quem está mais próximo da ideia de feminino e masculino baseada na tradicional ordem de gênero presente na cultura ocidental. Para as mulheres ficou a passividade, a delicadeza, a fragilidade, logo corpos construídos para os trabalhos vinculados ao cuidado. Aos homens corpos que deveriam expressar virilidade, coragem, corpos destinados ao espaço público e às atividades que necessitavam raciocínio lógico (Schienbinger, 2001). Por mais transformações que tenham ocorrido nestes papéis e mesmo com as críticas feministas, esta dicotomia de gênero, que causou sérios prejuízos na vida das mulheres, ainda está presente. Muitas instituições socializadoras contribuem nesta reprodução de papéis, e a escola não fica de fora (Louro, 1997).

Nas entrevistas, observamos que a grande maioria dos adolescentes é de classe popular. Eles trabalham em empregos de meio período como aprendizes e ganham de meio a um salário mínimo. Entre as meninas, a renda obtida por meio desses tipos de empregos era destinada ao consumo de maquiagens da Natura e da Avon e à compra de roupas nas lojas Marisa e Riachuelo. Os meninos usavam o dinheiro para fazer academia noturna, pois disseram que precisavam ficar fortes e musculosos.

Em relação aos saberes que os estudantes adquirem sobre os cuidados do corpo constatamos que provêm de diversas instituições sociais, como a família, a escola, o grupo de amigos, a mídia, a igreja. Estas instituições influenciam adolescentes nas suas técnicas corporais e nas modificações das mesmas, pois o que importa “é ser bonito”. Nesse sentido, a escola mostra-se como um universo importante de socialização sobre alguns saberes referentes aos cuidados do corpo. Isto foi constatado especialmente nas falas das meninas sobre cuidados com a pele do rosto, o corpo, exercícios físicos e dietas alimentares.

Para as adolescentes, a boa forma é tudo. O corpo malhado para os meninos e o corpo mais magro

para as meninas foi bastante comentado por eles. Os adolescentes entrevistados também falaram da necessidade de serem “bonitos” para serem aceitos na sociedade. Para a grande maioria, a aparência é muito importante, é a maior preocupação desse grupo.

Contudo, escutamos poucos meninos “por dentro” de técnicas sobre os cuidados do corpo, segundo as meninas, “alguns meninos são muito relaxados”.¹⁰

A questão do cuidado do corpo a partir de uma perspectiva de gênero evidencia que ainda persiste a diferença de gênero socialmente construída e representada por uma matriz dicotômica e heterossexual. Os meninos que sabiam mais sobre cuidados foram identificados como aqueles de “identidades periférica”¹¹ dentro do universo escolar pesquisado. Neste caso, estamos compreendendo os meninos gays e os meninos identificados como metrossexuais que serão comentados mais adiante.

Os meninos, quando abordados sobre o “corpo ideal” que almejavam a partir dos investimentos, recusaram-se a falar de seus corpos. Desviavam a pergunta comentando sobre o corpo feminino que gostavam, ou seja, do corpo das meninas, comentários como: *magrinha, magra e branca, magrinha, branca e linda*. Em suas falas observamos que o corpo da mulher é público, é mais natural falar dele.

Podemos constatar essa representação do gênero feminino vinculado à ideia de beleza. O “corpo belo” como evidente e necessário para as mulheres, especialmente as brasileiras jovens. Um dado importante é que os alguns meninos negros falavam que além de serem magras as meninas deveriam ser brancas. Isto evidencia a preferência por corpos brancos e a exclusão de corpos negros no discurso enunciado dentro de uma escola pública. O estudo de Rezende e Carvalho (2012) apresenta como os meninos negros carregam o estigma e discriminação na escola. Ele diz que os próprios professores preferem que as meninas e os meninos negros apresentem um comportamento submisso, que os reduz a alunos bonzinhos. Neste caso, analisando a preferência dos meninos desta escola por meninas magras e brancas, pensamos que isto pode evidenciar que estes meninos, por não demonstrarem resistências à violência simbólica sofrida na escola, almejem

10 Segundo as meninas, os meninos relaxados são meninos que não se importam com a aparência, não têm higiene pessoal, andam com roupas sujas, rasgadas e frouxas, aparecendo a cueca, o tênis geralmente está sempre sujo e usam boné.

11 Foucault (1988)

namorar uma menina branca e magra para aumentar seu reconhecimento na escola.

Analisando o corpo na cultura brasileira, Miriam Goldenberg (2009) constatou que ser magro e jovem é tido como um “capital simbólico”, representa um valor social para aquelas mulheres que conseguem atingir este ideal. Assim são excluídas as mulheres que não se enquadram neste padrão. Esta chamada “ditadura do corpo belo e magro” (Freitas, 2002) tem causado efeitos desconcertantes nas adolescentes que não se enquadram no ideal.

Braga, Molina y Figueredo (2010) em sua pesquisa com adolescentes de camadas populares constatou que as meninas que não se enquadram neste ideal de corpo magro e belo, dizem sofrer por não conseguirem namorados por estarem gordinhas. Ainda que seja mais possível para as meninas das classes médias atingir este ideal de corpo, as adolescentes de classes populares também reconhecem a importância de se chegar à esta imagem. Boltanski (1989) enfatiza que as classes populares tendem a se esforçar para obter esta imagem de corpo semelhante aos das classes ditas superiores.

Para o autor David Le Breton (2007) a aparência se apresenta a partir de dois constituintes: o primeiro deles tem relação com as modalidades simbólicas de organização sob a égide do pertencimento social e cultural do ator, portanto são provisórias, amplamente dependentes dos efeitos da moda. Já o outro constituinte diz respeito ao aspecto físico do ator como: altura, peso e qualidades estéticas. E seria a partir destes dois constituintes da aparência que os corpos são classificados socialmente conforme a cultura que estiver inserido.

Deste modo, a cultura contemporânea centrada no corpo, a aparência corporal pode ser vista como um “capital” que garantirá e consentirá sem grandes esforços o trânsito por determinados espaços sociais (Goldenberg, 2009). Na escola, transitam diferentes aparências corporais, ou seja, *looks* corporais que representam as escolhas de uma geração. Para a estudante Jasmin, de 15 anos, o corpo é sua maior preocupação. Diz ter muito medo de engordar após os 20 anos, pois leu em uma revista que é nesta idade que se define se a mulher será gorda ou magra na vida adulta. Segundo ela,

Me preocupo em cuidar do meu corpo e da minha saúde, portanto procuro comer alimentos saudáveis para não engordar, procuro também investir em minha aparência por que acho

muito importante ser magra (Jasmin,¹² 15 anos, 2º ano).

É interessante verificar o cuidado do corpo das adolescentes meninas das camadas populares. Mesmo sem grandes cuidados com a alimentação, elas afirmam seguir um programa de exercícios físicos. Contudo vão raramente ao médico.

Freitas (2002), analisando os cuidados do corpo das mulheres de camadas populares de um bairro de Salvador, constatou que as mulheres de trinta anos ou mais não objetivam tanto o ideal de beleza a partir do corpo magro disseminado pela mídia. Já as mais jovens mostravam em seus discursos que desejavam - sim - ter um corpo magro. Segundo a autora, este compartilhamento dos valores das mulheres das camadas médias pelas de classes populares estaria ligado mais à necessidade de ter o corpo enquanto um valor social do que à preocupação com a saúde em si. Logo o objetivo estaria mais vinculando à beleza estética. Contudo, o atributo de ser magra estaria também ligado à ideia de limpeza e normalidade. Analisando esta evidência, a autora salienta que:

Com a influência da mídia, principalmente a televisão, os termos utilizados no mercado, como *light*, *diet* e malhação, estão presentes na linguagem de algumas pessoas do bairro, especialmente das jovens e mesclam-se com outros, próprios dessa realidade social. Por esta razão ser *light*, tem tudo a ver, pois sendo magras, sentem-se limpas ou normais (Freitas, 2002: 31).

Além disso, é importante salientar que, na adolescência, a anorexia tende a ocorrer especialmente entre as meninas. Oliveira (2010) constatou que essa incidência do transtorno da anorexia ocorrer mais entre as meninas reafirma um ideal de corpo vinculado à ideia de um feminino essencializado, a partir do atributo de sexo frágil. Conforme a autora, o discurso da área biomédica explica a anorexia masculina relacionada à homossexualidade, por esta ideia contrariar que homens desejam ter corpos musculosos, fortes e viris a fim de afirmar a masculinidade.

Também podemos constatar o uso de cremes para tratar ou evitar espinhas entre as maiores

12 Todos os nomes utilizados neste trabalho são fictícios a fim de preservar as identidades dos adolescentes que participaram das entrevistas.

preocupações dos adolescentes sobre o cuidado do corpo. Segundo eles, as espinhas são um dos principais inimigos para a boa aparência.

O cuidado com o rosto revela como esta parte do corpo é definitiva na apresentação da identidade cultural. Le Breton, dissertando sobre a construção sociocultural do corpo, comenta sobre as partes do corpo e salienta que o rosto é onde se condensam os valores mais elevados da identidade individual.

Segundo o autor, "O rosto é, de todas as partes do corpo humano, aquela onde se condensam os valores mais elevados, estabelece-se o reconhecimento do outro, fixam-se qualidades da sedução, identifica-se o sexo entre outros" (Le Breton, 2012: 70).

Assim sendo, o rosto sendo um valor social e individual distingue-se do resto do corpo, sua eminência na apreensão da identidade é sustentada pelo sentimento que o ser inteiro aí se encontra. A infinitésima diferença do rosto é, para o indivíduo, o objeto de uma incansável interrogação: espelho, retratos, fotografias, etc. (Le Breton, 2007).

Não há consenso entre os cuidados. Todas dizem fazer exercícios físicos. Com relação à alimentação, algumas entrevistadas relataram que só comiam "besteira". Segundo elas, comer "besteira" seria uma alimentação baseada em chocolates, McDonald's, Subway, batata frita e refrigerantes. Mesmo admitindo esse descuido com alimentação, as adolescentes dizem que investem na aparência. Estas falas são ilustrativas para comprovar esse investimento na aparência e a consciência dos adolescentes que "vacilos" podem acontecer, mas sempre buscam a disciplina a fim de garantir a boa aparência.

Não cuido muito do corpo, pois como muita besteira, não faço dieta, mas invisto na minha aparência, faço academia (Ana, 15 anos, 2º ano).

Tenho muito cuidado com minha saúde, pratico esporte, faço academia, às vezes, sou um pouco descuidada com a alimentação, pois como muita besteira, mas procuro sempre me esforçar, mas não é fácil (Nati, 16 anos, 2º ano).

Todavia, dos 20 entrevistados, sete dizem não seguir uma dieta, apenas um diz seguir uma dieta vegetariana e um diz seguir uma alimentação equilibrada buscando comer comidas saudáveis. Contudo, muitos mostraram consciência crítica sobre o padrão imposto pela sociedade. O estudante Tonho

salienta que,

O corpo da pessoa não me importa, mas sim o caráter, se ele se sentir bem com a pessoa isso que importa.

Mas, também os adolescentes mostraram discursos contraditórios sobre o que pensam e o que fazem podemos confirmar isto. Jasmim diz: *“procuro também investir em minha aparência porque acho muito importante ser magra”*, mas ao ser abordada sobre o seu tipo ideal de beleza coloca: *“não há um tipo ideal de beleza para mim o que importa é o caráter da pessoa”* (Jasmin, 15 anos, 2º ano).

2) A prática de exercícios físicos

As 10 meninas entrevistadas afirmaram praticar atividades físicas de alguma forma. Entre os meninos, mesmo não apresentando muito investimento em dietas alimentares como as meninas, a prática de exercícios físicos é unanimidade. Querem ficar musculosos.

Entre as meninas as atividades mais frequentes destacam-se caminhada, musculação e dança. Os exercícios dos meninos mais frequentes são a musculação que segundo eles, é para ficar com um corpo “sarado”, “definido”, “musculoso”. Como a musculação precisa ser feita na academia e eles na grande maioria são adolescentes de camadas populares que trabalham meio período 12 deles, a academia é frequentada à noite. Os meninos que não trabalham e não possuem recursos financeiros para pagar a academia investem em futebol, considerado um esporte de classe popular (Bourdieu, 1978). Segundo os meninos, as meninas se cuidam mais por diversas razões, entre elas por estarem mais sujeitas a padrões de beleza impostos pela mídia. Os meninos acham que as meninas acreditam que o corpo feminino deve ser construído respeitando um padrão socialmente recomendado. Este corpo deve ser permeado por uma feminilidade focada em uma ordem moral do que deva ser a mulher. Estas falas dos meninos são ilustrativas no que toca esta questão:

As meninas por conta da vaidade, pelos padrões impostos pela mídia especialmente (Bruno, 15 anos, 2º ano).

As meninas desde do nascimento há uma idealização que precisa ter o corpo perfeito para a sociedade (Lolo, 16 anos, 2º ano).

As meninas, porque há toda uma construção

moralista que impõe que mulher tem que ser bela, recatada e do lar, a sociedade impõe padrões que a mulher tem que ser uma Barbie e sempre estar cheirosa e arrumada (Cristiano, 18 anos, 2º ano).

As meninas porque elas se importam muito com a opinião dos outros (Lolo, 16 anos, 2º ano) .

Dos 20 entrevistados, três meninos responderam que é relativo, pois tanto meninos como meninas se cuidam. Estas falas são elucidativas para constatar esta afirmação:

Os dois se cuidam do mesmo jeito, não há diferenças (Tonho, 15 anos, 2º ano).

Ambos por que saúde e higienie é fundamental tanto para meninos como para meninas (Erick, 17 anos, 2º ano).

Em relação ao consumo de produtos de beleza para cuidar do corpo, os alunos não gostam muito de usar produtos de beleza por dois motivos. A maioria dos meninos acha que são coisas de meninas ou de gays. As meninas falam que são muito caros e, mas elas mostraram-se mais interessadas nas novidades da indústria da beleza. Informam-se e compartilham recomendações sobre beleza e estética a partir das redes sociais. No entanto, considerando as limitações financeiras das adolescentes da rede pública cuiabana, constatamos que elas sabem muito sobre alimentação equilibrada, prática de exercícios físicos e consumo de produtos cosméticos, mas pouco se cuidam por falta de recursos materiais e não vão ao médico. Elas mostraram, em seus discursos, necessidade de trabalhar para ter fonte de renda e consumir estes produtos.

Contudo, constatamos que somente três meninos afirmam se cuidar, justamente o que são identificados pelos colegas como metrossexuais.¹³

Tenho uma alimentação balanceada pratico esportes; futebol, ciclismo e natação, uso produtos para fixar meu cabelo como: gel ou cera para cabelo, meus maiores gastos são com cremes para evitar espinhas e uso batom de cacau para manter sempre a boca hidratada (Henrique, 16 anos, 2º ano).

Sou vegetariano, pratico tênis de mesa e invisto na depilação corporal (Bruno, 15 anos, 2º ano).

Eu como muito alimento orgânico, pois é

¹³ Os meninos definidos como metrossexuais cuidam do cabelo, fazem unhas, depilam-se e são bastante informados sobre as tendências da moda.

saudável, eu faço academia e muitos exercícios. Meus gastos são com o meu rosto que tem muitas espinhas e para cuidar precisa de muitos produtos (Lolo, 15 anos, 2º ano).

Observamos que há garotos mais cuidadosos com o corpo que as garotas. Essa opção de cuidado tende a expor alguns garotos à situação de preconceitos e exclusão por se preocuparem com suas aparências. Segundo um informante,

A sociedade, por ser machista, impõe uma cultura que diz que o homem não deve ligar para aparência, eu ligo (Lucas, 15 anos).

3) A homoafetividade na escola e o cotidiano homofóbico

O corpo e sua visibilidade na escola tem sido uma discussão polêmica no atual contexto, especialmente quando o assunto expressa diretamente questões vinculadas ao gênero e às sexualidades presentes no ambiente escolar. A polêmica desta discussão pode ser verificada na medida em que se questiona o que é natural? Quais corpos são motivos para críticas e exclusões? E, por que são?

Historicamente o corpo do aluno não aparecia nas análises da Sociologia da Educação, portanto apresentava-se como um ente abstrato. Contudo, quando este corpo apareceu adquiriu um novo sentido para estudiosos da Sociologia. Especialmente a partir dos anos 70, quando a crítica pontua a necessidade de se pensar as desigualdades existentes presentes no sistema escolar. Sistema este que, de forma sutil, conseguiu legitimar a exclusão de alguns corpos que não possuíam um *habitus*¹⁴ socialmente valorizado, assim merecendo correção de alguns professores e de até colegas para expressar os valores das classes dominantes, assim aprenderia a reconhecer “o gosto e o bom gosto” expressado a partir do socialmente incorporado. Os corpos também sofreram a partir do discurso médico, todo

14 *Habitus* a partir da definição bourdieusiana “sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera a estrutura as práticas as representações que podem ser objetivamente ‘regulamentadas’ e ‘reguladas’ sem que por isso seja o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim ou do domínio se tenha necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro” (Bourdieu, 1999: 15).

um controle, uma vigilância e um poder que legitimou quem poderia falar sobre este corpo, logo quem tinha saber sobre o mesmo. Os discursos pautados no determinismo biológico sobre este corpo foram refutados pela Sociologia do Corpo, contudo estas explicações apresentam-se ainda muito presentes em alguns contextos e situações difíceis de romper. É importante ressaltar que a condição biológica do corpo se apresenta a partir de uma historicidade que nos permite identificar sociologicamente as marcas do disciplinamento e do poder que configuram as relações sociais dentro das instituições. Os adolescentes apresentaram em suas falas significativa necessidade de falar sobre a homossexualidade e como esses corpos são percebidos na escola. Segundo um entrevistado,

Apesar de todas as mudanças ocorridas por reconhecimento da identidade homossexual, na sociedade esta discussão ainda causa alvoroço, pois para sociedade é uma escolha que não pertence à ideia de normalidade (Luiz, 16 anos).

A autora Josefina Licitra (2007) comprova, em seus estudos, esse obstáculo na adolescência. Meninos e meninas vivenciam um dilema entre a contenção da sexualidade na adolescência e a necessidade de falar sobre ela com seus professores e pais. Para Rosistolato (2010) apesar da formação em estudos de gênero e sexualidade por meio de projetos extracurriculares, os docentes ainda convivem com a contradição de ensinar seus alunos e socializar seus filhos tomando como referência a heteronormatividade. Segundo o autor,

Os professores foram educados em um contexto em que oposições rígidas de gênero orientavam suas ações. Eles não concordam com elas, mas vivenciam seguidas dificuldades quando pretendem educar seus filhos, negando as hierarquias sociais construídas por essas oposições (Rosistolato, 2010:28).

A influência do discurso religioso sobre o corpo dos adolescentes de outras orientações sexuais ainda aparece como uma forma de classificar a homossexualidade na condição de doença. O depoimento desta adolescente, quando perguntada sobre sua orientação homoafetiva, é ilustrativa para demonstrar esta associação da homossexualidade à

doença.

É frequente escutar que minha orientação não é coisa de deus, falam que vou para o inferno se não mudar, entendem que deus fez o homem e a mulher, mas para eles esse caminho tem cura (Lais, 16 anos) .

Na escola, há muitos corpos que são socialmente excluídos por possuir orientação sexual fora do padrão heteronormativo. Eles dizem que se cuidam muito e vão ao médico para não contraírem doenças, diferentemente dos meninos e das meninas que comentaram que iam raramente ao médico.

Sobre os corpos que transgridem as regras, constatamos grande resistência nos corpos vinculados às identidades LGBT. Eles são socialmente discriminados, pois não atendem ao padrão cultural do corpo pautado na dicotomia de gênero e na heteronormatividade. Segundos os estudantes gays, seus corpos, por serem reconhecidos como diferentes, são julgados não só nas escolas, mas nas ruas e também nas redes sociais dos grupos religiosos da escola. Analisando alguns destes ataques nas redes sociais sofridos por estes adolescentes, podemos constatar a partir da fala deste secundarista, a imposição por uma cultura do corpo que deve preservar a heteronormatividade para a reprodução, o estudante fala de uma “ditadura gay” na escola.¹⁵

Se não reproduzirmos entraremos em extinção é tão simples, se a maioria da população for homossexual, não iremos reproduzir mais, e entraremos em extinção por causa da homossexualidade, pelo amor de Deus né, como que vem falar asneiras dessa, cria uma ditadura gay aí, e vamos ver quantos anos a humanidade vai durar... Eu te garanto (que não passará dos 100 anos ou menos) Isso se aprende na 8ª série... A mas esqueci que as escolas públicas passam alunos do fundamental com a barriga, sou aluno de escola pública, sempre estudei em escola pública, mas pelo menos eu consegui armazenar um pouco do que nos ensinaram...Ah velho pelo amor de Deus, vocês querem implantar uma ditadura gay, e porque discordamos dessa ditadura pois homossexuais não reproduzem é ser preconceituoso? (Publicacion em una rede social)

¹⁵ Este fragmento de conversa foi coletado em um grupo do facebook da escola pesquisada, o fragmento é ilustrativo no que toca os ataques que os adolescentes gays sofrem nas redes sociais. O fragmento foi coletado por um menino que fez parte do grupo de 20 alunos entrevistados, que ao ser abordado sobre o cuidado do corpo falou que a discriminação ocorre na escola e se estende nas redes sociais cotidianamente.

Assim, as instituições escolares classificam muito os corpos que ali circulam e para eles os corpos que não estão no padrão sofrem de distúrbio. A sexualidade, afirma Foucault (1988), é um “dispositivo histórico”, ela é uma invenção social, uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam que normatizam que instauram saberes, que produzem “verdades”. Sua definição de dispositivo sugere a direção e a abrangência de nosso olhar: um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas (...) o dito e o não-dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (Foucault, 2012).

4) O envelhecimento do corpo na visão do adolescente

Quando abordamos os adolescentes sobre o que eles pensavam sobre homens e mulheres idosas, 10 dos 20 entrevistados apresentaram em suas enunciações uma visão negativa sobre o envelhecimento. Entre esses 10, quatro foram meninos e seis, meninas. Para estes adolescentes, a velhice deve ser considerada o fim da vida, pois não haveria mais interação social. A dificuldade de interação social retratada por Elias (2001) é percebida como o fim da vida.

Geralmente os velhos são tristes, pois podem morrer a qualquer momento (Tonico, 15 anos, 2 ano).

Além disso, os adolescentes também reclamavam dos direitos conquistados por este grupo social etário, comentários como: “tomar o lugar nos ônibus” e complementando que estes não servem para nada, além de alguns terem reclamado do cheiro destas pessoas. Conforme algumas enunciações,

Os velhos só servem para tirar o lugar do ônibus da gente (Tatá, 17 anos, 2 ano).

Normalmente vejo idosos descuidados com um odor não tão agradável, mas isso vai da pessoa também, geralmente idosos que não tem condições fedem (Ana, 17 anos).

Os homens são pessoas muito ranzinzas, pessoas com raiva da vida saem descontando nas pessoas jovens, eles também fedem à

morte, mas tem alguns que até que são bonitos (Bruno, 16 anos).

Ainda observamos falas moralistas que colaboraram para ideia que idosos não devem apresentar desejos e sentimentos, portanto para estes adolescentes a sexualidade é vista como “anormal” durante a velhice. A fala deste adolescente é emblemática no que toca esta questão.

Acho que mulheres idosas deveriam tomar mais cuidado com os homens quando forem dançar lambadão, pois depois ficam reclamando as dores nas pernas como minha avó, outro coisa acho que não deveriam obrigar jovens estudantes a ceder os lugares para eles, homens largam de ser tarados (Toquinho, 18 anos, 2 ano).

Apesar desta representação negativa sobre o envelhecimento sobre os homens e das mulheres idosas, nove adolescentes (entre os 20) falaram que os idosos são pessoas que têm capacidade de dar conselhos sobre a vida, pois já tiveram várias experiências e também merecem respeito.

Por ter vivido muito, eles são as melhores pessoas para dar conselhos sobre a vida, portanto temos que respeitar, pois são pessoas mais experientes do que nós (Erick, 17 anos).

Quando foram abordados de como se imaginam velhos, a grande maioria afirmou que se veem como pessoas com segurança financeira, bem cuidados e com um estilo de vida saudável, definições como: “velho saudável” (Erick, 16 anos); “bem velhinho, muito rico e saudável” (Prado, 17 anos); “uma velhinha bem cuidada, cheirosa e bonita” (Carol, 17 anos); “me imagino forte, saudável e com uma ótima saúde” (Nati, 16 anos).

Considerações Finais

O individualismo, marca da modernidade, contribuiu para os cuidados dos corpos estarem sobre as responsabilidades do indivíduo. No universo escolar, além do capital cultural, a estética de seu corpo também tem sido disseminada, tornando o próprio corpo um capital. Na contemporaneidade, o rótulo do estar “saudável” reflete todo um investimento individual e emocional infinito do indivíduo. As metas nunca são atingidas e finalizadas, pois o corpo aparece como um objeto aberto a diversas formas

de possibilidades, que pode ser transformado. As transformações refletem desejos, necessidades e a própria dinamicidade que envolve a construção da identidade de gênero de cada indivíduo. Neste sentido, os adolescentes sofrem influências internas e externas para lidar com seus corpos. Logo, no cuidado, expressam valores que acreditam ser o mais correto para se cuidar, mas também expressam como são pensados os seus investimentos.

Em relação às transformações sociais, o sujeito adolescente tende a incorporar gradualmente um novo universo simbólico, que corresponde às experiências compartilhadas por seu grupo geracional. Não necessariamente são iguais apenas por pertencerem à mesma faixa etária, mas pelas motivações subjetivas, visão de mundo, no contexto social vivenciado e na mudança de *status* que a sociedade impõe. Conclui-se que o discurso adolescente sobre o cuidado demanda inúmeras possibilidades de análises sociológicas, considerando a diversidade que envolve esta temática quando abordada por este público em relação ao cuidado do corpo na contemporaneidade.

Contudo, observamos o poder do disciplinamento sobre os corpos, as diversas formas de exclusões de identidades sexuais vistas como “anormais” no ambiente escolar. Apesar de todos os esforços em termos teóricos, metodológicos e políticos dos estudos de gênero e sexualidade na educação, a escola ainda apresenta-se como uma estrutura regrada, normatizada por uma matriz heteronormativa, neutralizando o debate sobre esta demanda vinculada ao estudo do corpo nas ciências humanas. Esta demanda deveria atender aos ideais democráticos pautados na escola aberta a todos e todas. No entanto, observa-se, na prática, retrocesso em termos de discussão. O discurso, vindo de instituições conservadoras como a igreja, de que a escola tem sido reprodutora de “ideologia de gênero, encerra as portas para uma importante discussão na educação brasileira.

Referências Bibliográficas

AVILA, S. F.O. (2005) A adolescência como ideal. <<http://www.proceedings.scielo.br/>

- scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000200008&lng=en&nrm=iso>
- BOLTANSKI, L. (1989) *As classes sociais e o corpo*. Rio de Janeiro: Graal.
- BOURDIEU, P. (1978) “Como é possível ser esportivo?”, Exposição introdutória ao Congresso Internacional do HISPA, realizado no INSEP, Paris.
- BOURDIEU, P. (1989) *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Difel.
- BOURDIEU, P. (2016) *A dominação masculina. A condição feminina e a violência simbólica*. Rio de Janeiro: Bestbolso.
- BRAGA, P. D. ; MOLINA, M. C. B. e FIGUEIREDO, T. A. M. (2010) “Representações do corpo: com a palavra um grupo de adolescentes de classes populares”, *Ciências & Saúde Coletiva*, n.1, p.87-95.
- BRITZMAN, D. (1996) “O que é essa coisa chamada amor? Identidade, homossexual, educação e currículo”, *Educação e realidade*, n.1, p.71-96.
- BUTLER, J. (2003) *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BUTLER, J. (2008) *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CONNEL, R. (1995) “Políticas de masculinidade”, *Educação e Realidade*, n.2, p.185-206.
- EISENSTEIN, E. (2005) “Adolescência: definições, conceitos e critérios”, *Adolescência e Saúde*, nº 2, p.1-2.
- ELIAS, N. (2001) *A solidão dos moribundos seguido de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Zahar.
- FIGUEIRA, M. L. M y GOELLNER, S. V. (2005) “A promoção do estilo atlético na Revista Capricho e a produção de uma representação de corpo adolescente feminino contemporâneo”, *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, n.2, p. 32-43.
- FREITAS, M. C. S. (2002) “Mulher Light: corpo, dieta e repressão” em: Ferreira, L; Nascimento, E. R. *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: NEIM/UFBA.
- FOUCAULT, M. (1988) *História da sexualidade I: A vontade de saber*. São Paulo, Graal.
- FOUCAULT, M. (2012) *A microfísica do poder*. São Paulo: Graal.
- FOUCAULT, M. (1985) *História da sexualidade 3. O cuidado de si*. Rio de Janeiro, edições graal.
- GARRITANO, E. J. (2008) “O adolescente e a cultura do corpo. Dissertação de mestrado em Psicanálise”, *Saúde e Sociedade*. Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro.
- GARRITANO, E. J. y SADALA, G. (2009) “O adolescente e a cultura do corpo na contemporaneidade”, *Revista Inter – Ação*, n.2, p 1-15.
- GOELLNER, S. V. (2007) “A produção cultural do corpo” em: Louro, G. L.; Felipe, J.; Goellner, S. V. (comp.) *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- GOLDENBERG, M. (2011) “Gênero, “o Corpo” e “Imitação prestigiosa” na cultura brasileira”, *Revista Saúde e Sociedade*, São Paulo, n. 3, p. 543-553.
- GOLDENBERG, M. (2009) *Coroas. Corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro, Record.
- LE BRETON, D. (2007) *A Sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes.
- LE BRETON, D. (2012) *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes.
- LICITRA, J. (2007) *Los imprudentes: historia de adolescencia : gay-lesbica em la Argentina*. Buenos Aires :Tusquets editores.
- LOURO, G. L; WEEKS, J, BRITZMAN, D; HOOKS, BELL; PARKER, R. e BUTLHER, J. (2000) *O corpo educado. Pedagogia da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- LOURO, G.L. (1997) *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes.
- LOURO, G. (2007) “Currículo, gênero e sexualidade. O “normal”, o “diferente” e o excêntrico” em: Louro, G.L; Felipe, J; Goellner, S.V. (comp.) *Corpo, gênero e sexualidade. Um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes.
- OLIVEIRA, R. C. (2010) “Gênero e corpo adolescente: considerações biomédicas e reflexões sociológicas sobre comportamento alimentar”, *Revista Bahia Análise & Dados*, Salvador, n.4, p. 617-628.
- MANNHEIM, K. (1952) “The Sociological problem of generations” em: *Essays on the sociology yof knowledge*. Londres: Routledge &Kegan Paul.

- MAUSS, M. (2003) "As técnicas do Corpo" em: Mauss, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify.
- MORENO, R. (2008) A beleza impossível. Mulher, mídia e consumo. São Paulo: Ágora.
- PFAFF, N. (2010) "Etnografia em contextos escolares: pressupostos gerais e experiências interculturais no Brasil e na Alemanha" em: Weller, W; Pfaff, N. (comp.) Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática. Petrópolis: Vozes.
- REZENDE, A. B. y CARVALHO, M. P. (2012) "Formas de ser menino negro: articulações entre gênero, raça e educação escolar" em: Carvalho, M. Diferenças e desigualdades na Escola. Campinas: Papirus.
- ROSISTOLATO, R. (2010) "Gênero e cotidiano escolar: dilemas e perspectivas da intervenção escolar na socialização afetivo-sexual dos adolescentes", Estudos Feministas, Florianópolis, n.1, p.11-30.
- SCHIENBINGER, L. (2001) O feminismo mudou a Ciência? .Bauru: EDUSC.
- TABAK. F. (2002) O laboratório de Pandora: estudos sobre a ciência no feminino. Rio de Janeiro: Garamond.

Citado. BITENCOURT, Silvana María (2020) ""Estar bonito para ser aceito": As influências e as motivações de adolescentes sobre o cuidado do corpo na contemporaneidade" en Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad - RELACES, N°33. Año 12. Agosto 2020-October 2020. Córdoba. ISSN 18528759. pp. 12-24. Disponible en: <http://www.relaces.com.ar/index.php/relaces/article/view/642>

Plazos. Recibido: 23/02/2019. Aceptado: 25/06/2020.